

Boletim

ADUFPEL



ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

BOLETIM DA ADUFPEL

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PELOTAS

PELOTAS, JUNHO 1980, Ano 1, nº 1

Em DEBATE: Função Social da Universidade

NOTÍCIAS: Anistia

Desconto Sindical

Nomeação do Reitor de Brasília

Escolha dos Dirigentes das Fundações

UM FATO EM DESTAQUE: O Restaurante Universitário

PROMOÇÕES

Participe de nossas promoções:

Compareça ao Ciclo de Debates

Até quando os professores não participarão da escolha
dos dirigentes universitários?

NOSSO BOLETIM

Nasce o boletim da ADUFPEL. Um modesto instrumento para colocar em comum nossa palavra, isto é, nossos anseios, nossas expectativas, nossas lutas, nossas realizações e propostas.

Trata-se da criação de um novo espaço que permita por em debate as questões educacionais que nos envolvem. Um veículo de comunicação destinado especialmente aos professores.

Em seu conteúdo pretende a circulação de artigos, entrevistas, notícias, promoções, fatos em destaque e informações sobre os movimentos da categoria docente.

Visa, como se pode perceber, servir ao intercâmbio, à livre discussão e a formação de uma consciência participativa entre os docentes da UFPEL.

Aceitamos, portanto, colaboração.

EM DEBATE

Julgamos oportuno estimular a discussão e o debate, em nossa Universidade, não só em torno de fatos e acontecimentos, mas também em torno de idéias e posições, que, no Brasil estão sendo veiculados, através de estudos, artigos e trabalhos publicados. Assim, pretendemos, em cada Boletim, transcrever textos que permitam a livre discussão. Começamos com trabalho do Prof. Elpídio, da Universidade do Paraná, sobre a FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE.

Seu trabalho está composto de 04 partes. Neste Boletim, por problema de espaço, apresentamos, apenas, a primeira parte, comprometendo-nos a trazer as outras nos Boletins subseqüentes.

Creemos que a leitura deste texto poderá suscitar outras questões, outros debates.

FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE

Prof. Elpídio Marculino Cardoso
Universidade Federal do Paraná

1. A UNIVERSIDADE É PRIVILÉGIO DA MINORIA

Apenas um por cento dos brasileiros tem a oportunidade e a conseqüente responsabilidade de atravessar a porta da universidade.

Ao passar estes umbrais, estes brasileiros gravarão para sempre em suas mentes a meta que deverão guiar um povo do futuro: "Enchei-vos de esperança vós que entraís".

Não tem mais sentido a pretensão de uma universidade de massas. É a universidade que deve servir à massa.

Para poder funcionar dentro de perspectivas mínimas de objetividade, a universidade não pode ser para todos indiscriminadamente.

Ela precisa necessariamente selecionar seus habitantes.

Mas a universidade não é uma ilha perdida e descoberta por aventureiros.

Nem determinados cursos que nela funciona são refúgios de marinheiros náufragos.

Ela é uma terra da promessa que recebe os viajantes mais fortes.

Não são mais fortes os mais ricos em bens de consumo, nem mesmo aqueles que têm apenas uma inteligência brilhante.

Uma verdadeira seleção elegerá os que unem uma inteligência lúcida e criativa a uma sólida cultura geral e a uma comprovada vontade de trabalhar para si e para a sociedade.

Deveria haver um meio de eliminar aqueles que escolhem determinado curso porque lhe dá um nome e sobretudo lhe dá posição financeira apenas.

Deveria ser eliminado todo aquele que escolhe determinado curso porque este lhe dá a profissão de seu pai. E seu pai adquiriu uma situação estável e um grande nome.

Engana-se quem assim procede. Sua profissão não é liberal. Ele entrou pelo caminho do outro.

Há caminhos de profissões liberais afundados pela presença de muitos passos falsos.

É urgente que se pense em um modo de selecionar os candidatos que têm realmente vocação.

O vestibular, a passagem pelo vestibulo, não pode ser a derradeira prova.

Um sério serviço de orientação vocacional e profissional poderia resolver os casos evidentes de passos falsos e caminhos errados.

Não seria de se estranhar que jovens conscientes e responsáveis passassem da engenharia para a sociologia ou da psicologia para a botânica.

É preciso que haja um encontro do jovem consigo mesmo e com a sociedade em que vive.

Sendo um lugar de privilegiados, de uma elite, a universidade em nada será injusta para a sociedade que a sustenta se esta elite for selecionada o mais possível de maneira justa.

Para isto o caminho percorrido pelo estudante deve ser examinado desde a sua origem.

Não é possível falar de seleção justa quando alguns frequentam escolas especiais de recuperação e outros não tem este privilégio econômico.

Já são arcaicos demais os cursinhos, as apostilhas, os terceiros e os aulões. Nada mais são do que um grosseiro comércio com a corrida para uma universidade impossível.

Eles são a fábrica de uma multidão desejosa do título de doutor, que forçosamente permanecerá decepcionada e mal humorada, apesar de poder ganhar mais e gastar mais sem o pretendido título, sem a pretendida cor das roupas que gostaria de usar e dos determinados dizeres que gostaria de carregar na pasta, debaixo do braço.

Por que determinadas pessoas se envergonhariam (e seriam poucos estes alunos, homens e mulheres?) se o nome desta pasta fosse trocado?

Por que esta discriminação entre os cursos universitários, se o conhecimento humano é um só e se todas as profissões são nobres e dignas?

Será que os menos dotados deverão contentar-se com as sobras? E será que isto não está acontecendo?

Enquanto o conhecimento humano não conhece áreas nobres e áreas de segunda classe, a própria universidade e a sociedade atual, em todo o mundo, estão discriminando injustamente e fazendo com que o próprio nome de universidade já não tenha sentido.

Universidade deveria significar a unidade do saber, integrando a filosofia, as ciências, as artes e as técnicas, para melhor atender a um único objetivo: entender o homem para servi-lo melhor, tanto como pessoa livre, quanto como sociedade pacífica.

Todo o resto é uma corrida individualista em busca de um diploma, de um nome, de um título e de uma situação econômica ou intelectual privilegiada.

A solução para tal impasse é uma transformação de estrutura. E esta mudança está na própria concepção de profissão liberal.

Por que em determinados países que se dizem socialistas são perseguidos filósofos, cientistas e artistas e os técnicos que não fazem nem escrevem são protegidos?

Por que há psicólogos que têm a coragem de assinar um atestado de loucura a quem é tão lúcido e tem a coragem de dizer o que pensa?

O trabalho é sempre digno desde que não seja forçado.

São as conseqüências de uma universidade moldada para servir aos objetivos de uma elite de poder.

Este tipo de universidade é uma máscara.

A única elite, que deixa de ser elite e que deve povoar esta cidade, além do vestibulo, é aquela que, apesar de aspirar a um justo salário, que a recompensa por seus anos de estudo e suas horas de sono perdidas, já não está cega por uma posição dominante e irresponsável.

A elite se transforma em liderança quando é capaz e responsável, eficiente e eficaz, preocupada por todos os problemas e pelos problemas de todos, ávida de solução para os entravos econômicos, sociais e políticos de uma determinada sociedade.

1.1. POR UMA RENOVAÇÃO DA MINORIA:

A liderança universitária baseada em critérios de justiça social será constituída pelos mais capazes e mais responsáveis. Sem discriminação no que se refere às origens de classes sociais a que pertençam, os universitários brasileiros serão pretos e brancos, imigrantes e índios, todos unidos para a construção de uma sociedade mais igual.

Os critérios de seleção deverão ser sempre mais aperfeiçoados para evitar a entrada de aventureiros e interesseiros preconceituosos de castas e privilégios.

Deverão ser interrogados objetivos dúbios dos que fazem desta seleção um meio fácil de enriquecimento ilícito.

A chave da solução do problema está na seriedade do ensino de primeiro e segundo graus, regidos por leis, portarias e pareceres frequentemente pouco entendidos e mal executados. É verdade que faltam recursos, que os professores destes níveis são mal pagos e que ainda faltam escolas bem aparelhadas.

Mas faltam também bons professores.

Até mesmo um motorista do ônibus pode ser melhor do que o outro. E qualquer criança sabe a razão. É que o primeiro gosta de sua profissão e o segundo a detesta.

Ainda é válida a afirmação de que o professor não é apenas um profissional mas alguém que professa um ideal.

Ideal de servir ao bem comum.

Isto já é uma lição da História da Educação, desde o tempo de Confúcio há 500 anos antes de Cristo.

Pensa-se apenas que o professor ganha pouco e por isso rende pouco. Mas ele mesmo não pensa que tem diante de si crianças e adolescentes mais pobres do que ele.

Esquece-se de que pedagogia ainda significa: "levar a criança pela mão". A criança necessita de alguém que a ajude a crescer.

Esta é a responsabilidade dos verdadeiros mestres. Para isto existem as escolas.

Se as escolas ainda têm sentido é graças à dedicação humanitária dos mestres de escola elementar, onde se fundamenta a cultura dos líderes que chegaram à universidade.

É responsabilidade de toda a sociedade respeitar o papel dos mestres das crianças e pagar-lhes um justo salário. O dinheiro público, o dinheiro do Estado, é o dinheiro do povo. Ele deve ser administrado para atender às necessidades básicas do povo: alimentação, saúde, habitação e educação.

A cultura é a realização dos três níveis fundamentais do homem: sobrevivência econômica (homo faber), sobrevivência intelectual (homo sapiens) e sobrevivência espiritual (homo spiritualis).

É na escola primária que a árvore da vida da cultura lança suas raízes. Na escola média ela se cobrirá de flores e na universidade se colherão os frutos.

As novas sementes serão os novos mestres e todos os profissionais que voltam à sociedade para cultivá-la, desde o plantio da terra até à formulação das leis.

Na terra seca nada cresce. A água que alimenta a areia do deserto é a dedicação de cada um ao bem de todos sem a preocupação de acumular tesouros e com a preocupação pela miséria comum.

Quem entra na universidade deve ser uma pessoa desprendida de seu egoísmo e profundamente enraizada no ideal de servir.

Não precisamos de falsos líderes que, importando ideologias e dogmas pretensamente científicos, apelam para as bombas e defendem um terrorismo internacional. Estes são incongruentes porque não sabem o que fazem nem pensam no que dizem. Eles repetem fórmulas vazias, decoradas nos esquemas de um partido poderoso, injustamente chamado operário.

Eles nada têm de operário, do trabalhador e sim muito de guerreiro e de destruidor.

A justiça não se faz pela guerra, mesmo que ela seja modernizada e transformada em guerrilha urbana ou de bosques cerrados.

A Universidade é o lugar dos líderes da justiça.

Mas a justiça só se realiza na paz.

Existem ainda dentro da universidade brasileira muitos que se dizem líderes mas não estudam. Falam, mas não sabem que o que dizem não foi pensado por eles e são decorados em algum catecismo que substitui o da igreja para implantar o de um grupo sedento de poder.

E a história está a demonstrar como este poder é tirânico e satânico. Ele se mistura no meio da massa, mata indiscriminadamente culpados e inocentes e se esconde como os vermes, debaixo dos monturos.

A universidade precisa acordar-se enquanto é tempo para limpar-se desta lepra.

É possível justiça na paz. É indispensável que se pense por si mesmo. É impossível raciocinar no terrorismo e no fanatismo de ocultos interesses particulares.

É possível fazer justiça através de leis que brotam das circunstâncias históricas que exigem respeito para com as raízes culturais e as aspirações de renovação contínua.

Este é um respeito que se deve à história.

1.2. A UNIVERSIDADE É A SEDE DE TODO O SABER E DO SABER PARA TODOS.

A universidade é o lugar da lógica e da ética.

Somente quando se é livre para pensar por si mesmo se caminha na estrada da lógica e se chega à responsabilidade ética.

A filosofia é o fundamento do ensino e da pesquisa na universidade porque apenas ela oferece os caminhos da lógica e da ética. Apenas ela sabe para que servem a lógica e a ética porque apenas ela é capaz de, auxiliada pelas ciências do mundo e do espírito, indicar o caminho e o lugar do homem no mundo, com o mundo e para além do mundo.

E a metafísica se torna indispensável para que a universidade não se torne ou não continue sendo um arquipélago de especialistas cegos.

Assim como a cidade de Veneza nasceu da ligação das ilhas submersas, assim a universidade será um continente, uma cidade do saber,

unindo as ilhas de seus institutos e faculdades, através da filosofia.

A filosofia não é uma abstração inútil e incompreensível, apesar dos erros de uma linguagem hermética e racionalista que a afastou do interesse daqueles que deveriam ser líderes.

A lógica, a ética, a estética (que ensina como ver a beleza do mundo) e a metafísica são os quatro pilares desta construção que é a casa dos líderes do povo.

Já o Cardeal Newman, o matemático, lógico e metafísico A.M. Whitehead e o nosso mestre A. Teixeira, de saudosa memória nos ensinaram o que significa o saber na universidade cuja ausência é tão deplorada hoje por G. Gusdorf.

Não se pretende fazer aqui da universidade uma escola de filósofos como quisera Platão. Trata-se, todavia, de aprofundar a convicção de que devemos aprender da filosofia as lições fundamentais: procurar conhecer o mundo por si mesmo, admirar sua beleza, ajudar o outro a fazer o mesmo e acreditar em algo mais, além da matéria, sem o que o mundo tem um único destino, aquele para o qual está caminhando: destruição e a guerra, frutos de ganância e da descrença na humanidade.

A filosofia torna-se uma atitude de pensar, uma mentalidade de conviver e um entusiasmo para admirar, porque a história tem um sentido que vai além dos horizontes do espaço e do tempo. O povo caminha sempre.

Este é o sentido do currículo escolar, especialmente o da universidade.

É uma corrida. Não como a dos cavalos de raça e dos jogadores estrelas que valem peso de ouro e são vendidos como escravos, mas uma corrida alegre de todos num jogo que a todos anima porque é a participação na caminhada de uma massa pensante.

O saber que não tem preconceitos não separa a filosofia das ciências nem a arte e as letras das técnicas.

Tudo o que o homem faz é belo se servir para a construção e não para a destruição do mundo.

É ilógico falar em oposição entre humanismo e ciências. É ilícito falar de oposição entre diletantismo e cientificismo. Estão ultrapassados tanto o humanismo letrado quanto o tecnicismo consumista.

Não há conhecimento humano nem ação humana que não sejam profundamente humanistas, a não ser as ações destruidoras.

Ao contrário, a ação humana que se torna simples e despojada de interesses egoístas se aproxima da simplicidade que se esconde na vida das plantas e dos animais.

E o mundo se torna mais belo e mais fraterno.

A universidade é a cidade daqueles que se decidem a ver o mundo das coisas e dos seres vivos como um paraíso de todos onde a destruição é eliminada em seus fundamentos.

O dogmatismo é o fermento da guerra e da violência. Ele deve ser varrido da universidade. Onde ele existe, se instala o fanatismo que impede o desenvolvimento da ciência, da filosofia e da política.

O dogma só é aceito pela teologia e esta supõe uma religião na qual se entra pela fé que por sua vez é um dom.

A teologia tem seu lugar na universidade numa esfera de opção para quem livremente quiser aceitá-la. E talvez seja justamente a falta dela que tenha feito desaparecer a universidade que surgiu com a Idade Média e morreu com ela.

O dogma não é dogmatismo. O dogmatismo é uma falsidade imposta e o dogma é uma convicção aceita livremente.

Ninguém é obrigado a ser religioso mas ninguém é livre de ser intolerante.

O dogmatismo é tão falso na ciência quanto na filosofia, na política e na religião.

Não há religião que obrigue alguém a aceitar aquilo em que não crê. Se houver, será falso.

O dogmatismo fecha a porta a todas as pesquisas e a universidade se torna um campo de batalha entre partidos.

E as ilhas de ignorância não conseguem ver o mar onde navegam os homens livres.

NOTÍCIAS

ANISTIA

Repercutiu jubilosamente a notícia de anistia de professores universitários que tinham sido afastados de suas funções docentes por motivos, até agora, muito nebulosos. Entre esses professores en^ucontram-se os doutores Amílcar Gigante, Manoel Oliveira e Apio Cláudio de Lima Antunes, desta Universidade. A ADUFPEL apresenta as boas-vindas a esses colegas que deverão ser brevemente reintegrados respectivamente na Faculdade de Medicina, Agronomia e na Faculdade de Direito da UFPEL.

DESCONTO SINDICAL

Há coisas tão estranhas... De repente, professores e funcionários recebem desconto referente a "contribuição sindical", "em favor da entidade representativa da categoria profissional". Neste sentido surgem tantas dúvidas... A que sindicato pertencemos? Fica tão surpreendente contribuir para um sindicato que nem conhecemos... E os funcionários pertencem a mesma categoria profissional dos professores?

Achamos que os servidores merecem maiores informações.

NÚCLEO REGIONAL DO CPERS

Aconteceu, no dia 22 de maio, reunião de professores para a criação do núcleo regional do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul. Sabemos que foi eleita uma Comissão Provisória para a criação do referido núcleo. Diante da conscientização cada vez maior do magistério riograndense, espera-se que a iniciativa seja coroada de êxito.

CICLO DE DEBATES

Estã previsto para os dias 11 e 12 de junho, um Ciclo de Debates sobre a nossa Universidade, obedecendo ao seguinte programa:

1º tema: A UFPEL

2º tema: A posição do professor na UFPEL.

3º tema: A Universidade que desejamos.

4º tema: Nomeação de Dirigentes Universitários.

A ADUFPEL conta com a participação dos professores desta Universidade.

Não se omite.

NOMEAÇÃO DO REITOR DE BRASÍLIA: GOLPE DE MATE NA AUTONOMIA
UNIVERSITÁRIA

Sabemos que em novembro de 1979 a Comissão mista do Congresso aprovou, sem aceitar a emenda proposta pelo Senador Franco Montouro, o texto original do projeto de lei nº 34 da autoria do Executivo, que autoriza o Presidente da República a nomear a seu critério os dirigentes de Fundações de Ensino Superior.

Em novembro é aprovada no Congresso por decurso de prazo.

Sabemos hoje que o Reitor de Brasília já foi nomeado, conforme notícia dos jornais, apesar de todas as oposições manifestas pelos estudantes e professores daquela Universidade.

Sabemos também que a nova regulamentação das Fundações amplia o conteúdo da Lei nº 34/79.

Perguntamos: que fazem nossos representantes no Congresso?

Onde se encontram nesta hora decisiva da vida universitária?

Que fazem nossos atuais dirigentes universitários?

E nós que devemos fazer?

ESCOLHA DE DIRIGENTES

Como é do conhecimento de todos, em setembro de 1979 foi enviado ao Congresso Nacional Projeto de Lei nº 34/79 versando sobre a escolha de dirigentes das Fundações.

Nessa ocasião a Diretoria da ADUFPEL enviou representante a Brasília para acompanhar de perto a votação do projeto e para tentar sensibilizar os parlamentares a votar a favor da emenda "Franco Montoro", que excluía as universidades do referido projeto.

Infelizmente, por falta de quorum, não houve votação e o projeto foi aprovado por decurso de prazo e hoje é Lei nº 6733, de 04 de dezembro de 1979, com o seguinte teor:

Art. 1º - Serão livremente escolhidos e nomeados, em comissão, pelo Presidente da República, os dirigentes das Fundações instituídas ou mantidas pela União, qualquer que seja sua natureza ou finalidade, e sem prejuízo de sua autonomia administrativa e financeira.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições gerais e especiais em contrário.

No dia 19 de maio foi decretada a regulamentação da Lei acima, com o seguinte teor:

Decreto nº 84.716, de 19.05.80

Art. 1º - É delegada competência ao Ministro da Educação e Cultura para nomear, em comissão, Pró-Reitores, Sub-Reitores, Diretores e Vice-Diretores, ou dirigentes de hierarquias equivalentes, nas Instituições de Ensino Superior criadas sob a forma de fundação ou mantidas por fundações instituídas pela União.

Art. 2º - É delegada competência ao Reitor para nomear, em comissão, Decanos, Chefes e Sub-Chefes de Departamento, ou dirigentes de hierarquia equivalente, nas Instituições de Ensino Superior no artigo anterior.

Art. 3º - É reservada ao Presidente da República a nomeação dos Presidentes de Fundação, dos Membros dos Conselhos Diretor e Curador ou de hierarquia equivalente, bem como dos Reitores e Vice-Reitores, nas Instituições de Ensino Superior de que trata este Decreto.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

UM FATO EM DESTAQUE

O RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

O tempo altera certas situações, determinando, algumas vezes, progresso e, outras vezes, regresso.

O atendimento, no Restaurante Universitário do Campus, parece-nos colocar-se na segunda hipótese, isto é, regrediu na forma como a tende os seus frequentadores - funcionários, professores e alunos. Sa ta observar que, tempos atrás, quase 50% dos frequentadores do RU eram professores e funcionários. Hoje, apenas quatro ou cinco professores frequentam o RU.

Qual o motivo desta mudança? Cremos que se prende a alguns motivos:

- a demorada espera nas longas filas;
- o pagamento quase dobrado de preço e
- a qualidade da alimentação em relação ao preço cobrado.

Já que a integração dos elementos humanos da Universidade deve ser preocupação dos dirigentes da UFPEL e já que os momentos da refeição são benéficos e propiciam a essa integração, espera-se que:

- sejam tomadas medidas para aceleração do atendimento no RU, de modo a que não se precise ficar esperando meia hora numa fila.

Aos setores responsáveis desta Universidade pergunta-se:

- Por que não se cobra preço único das refeições, a exemplo de outras universidades?

PROMOÇÕES

A ADUFPEL está pretendendo promover atividades culturais e artísticas durante todo o ano de 1980.

Neste mês de junho, dia 11 e 12, será realizado um Ciclo de Debates sobre a Universidade.

Na última semana de agosto estará ministrando um Curso sobre a "Situação da Universidade Brasileira e o que o Estado espera dela", a Professora Marilena Chauí, professora de Filosofia da USP e conhecida por suas obras publicadas, palestras, conferências e debates sobre Educação Popular, Ideologia e Educação, Educação e Violência e outros temas.

Em setembro teremos a apresentação do Conjunto Vocal MADRIGAL, formado por professores da Universidade Federal de Santa Maria.

Em outubro, Dia do Professor, a ADUFPEL realizará programação especial. Dê também suas sugestões e prestigie.

Sua participação é fundamental!

REGIMENTO E ESTATUTO DA UNIVERSIDADE

A ADUFPEL, através de seu Presidente, está participando da comissão que trata da reforma do Estatuto e Regimento de nossa Universidade. É nossa intenção que esta reforma tenha a máxima participação de todos os integrantes da Universidade, professores e funcionários. Assim sendo, a Diretoria da ADUFPEL solicita que lhe sejam enviadas sugestões e subsídios para que possamos ter um Regimento o mais condizente com os nossos anseios.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DA DIRETORIA

No dia 29 de abril p.p. realizou-se a Assembléia Geral Ordinária da ADUFPEL que trata da prestação de contas da Diretoria. Entre as atividades da atual Diretoria, destacamos:

- Publicação dos Estatutos no Diário Oficial e registro destes Estatutos no Cartório de Registros Especiais.
- Autorização para desconto em folha.
- Assembléia Geral para estudo do "Pacotão".
- Assembléia Geral para inclusão das Fundações no projeto de reestruturação da carreira do magistério.
- Viagem a Brasília para acompanhar a votação do Projeto nº34, hoje Lei nº 6733.
- Participação em reuniões regionais de ADs, em Santa Maria e em Florianópolis.
- Participação em reuniões promovidas pelo MEC, em três oportunidades, para discussão do projeto de reestruturação da carreira do magistério.
- Eleições para o Conselho de Representantes
- Jantar no Dia do Professor.
- Criação dos setores de Divulgação e de Cultura.
- Vinda do Prof. Sergio Pires, Presidente da APUSM (Santa Maria) para falar sobre o papel das ADs nas Universidades.